



Regeneração: um caminho pelo do co-design baseado em espiritualidade

Regeneration: a path through co-design based on spirituality

Karine de Mello Freire, Doutora em Design.

sejaatransformacaodomundo@gmail.com

Gustavo Berwanger Bittencourt, Mestre em Design Estratégico, UNISINOS

gustavomini@gmail.com

Carolina Tomaz Barbosa, Mestre em Design Estratégico, UNISINOS

carolinatomazbarbosa@gmail.com

Resumo

A proposta de sonhar futuros regenerativos deste trabalho é baseada em uma ontologia que considera a prática espiritual como essencial para designers sentipensantes cocriarem futuros regenerativos numa colaboração entre humanos e não humanos. Para projetar em favor da vida propomos movimentos necessários para projetos regenerativos. A regeneração é compreendida neste trabalho como o caminho para alcançar um equilíbrio ecossistêmico desejável. No desenvolvimento da proposta teórico-metodológica articulamos os conceitos de interser, sentipensar, espiritualidade estruturada e codesign. Oferecemos uma alternativa às abordagens convencionais, com base em critérios éticos-estético-políticos praticados cotidianamente na conexão espiritual de projetistas que intersão.

Palavras-chave: regeneração; espiritualidade; co-design

Abstract

The proposal to dream of regenerative futures in this work is based on an ontology that considers spiritual practice as essential for sentient designers to co-create regenerative futures in collaboration between humans and non-humans. To design in favor of life, we propose necessary movements for regenerative projects. Regeneration is understood in this work as the path to achieving a desirable ecosystemic balance. In the development of the theoretical-methodological proposal, we articulate the concepts of interser, sentient thinking, structured spirituality, and co-design. We offer an alternative to conventional approaches based on ethical-aesthetic-political criteria practiced daily in the spiritual connection of designers who intersect.

Keywords: regeneration; spirituality; co-design

1. Ponto de partida

A humanidade enfrenta um momento crucial, caracterizado por uma série de crises interdependentes, como Morin (1990) definiu, denominando-as de "policrises". Essas crises afetam os sistemas políticos, sociais, econômicos e culturais existentes, que há muito se baseiam em paradigmas mecanicistas, cartesianos, patriarcais e capitalistas (Shiva, 1998; Mies; Shiva, 2014).

O Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental para a Mudança do Clima (IPCC), órgão das Nações Unidas, adverte que as próximas décadas trarão impactos devastadores da mudança climática, afetando não apenas os seres humanos, mas todo o planeta. Já estamos testemunhando a escassez de alimentos e água, eventos climáticos extremos como secas, enchentes e ciclones, desastres naturais, doenças e migrações em massa. Essas transformações também têm um impacto significativo na flora e fauna, com estudos indicando que a crise climática pode reduzir a biodiversidade em até 75% até 2075, além de ameaçar centenas de milhões de pessoas com a escassez de água e fome (IPCC, 2022). No entanto, dentro desse cenário, é importante destacar que os mais afetados são os grupos mais vulneráveis, incluindo mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência. O relatório ressalta que as decisões tomadas hoje serão cruciais para determinar o destino da nossa espécie no século XXI (IPCC, 2022).

Diante dessa encruzilhada, surge uma questão fundamental: como imaginamos a vida no futuro? Continuaremos a projetar sistemas que destroem o planeta, esgotam seus recursos naturais e agravam a desigualdade, promovendo sociedades individualistas e consumistas? Ou optaremos por projetar em prol da vida em todas as suas formas?

Nossa opção é a de projetar em favor da vida em todas as suas formas e essa escolha traz questões mais próprias do campo do design: como fazer isso? Que movimentos projetuais potencializam o projetar nessa direção? Tais perguntas não são novas nem carecem de possíveis respostas. O próprio campo, especialmente em suas periferias, vem produzindo críticas e propostas, buscando na arte, no ativismo político, nos saberes dos povos originários, entre outras fontes, novos subsídios para responder. (Escobar, 2018; Akama, 2018; Ann-Noel; Paiva, 2021). A proposta deste artigo é ampliar o debate e trazer uma nova ontologia para elaborar respostas alternativas. Nossa colaboração é baseada na ideia de que a prática espiritual pode oferecer uma experiência de interdependência que possibilita aos designers sentipensar em colaboração com humanos e não humanos na prática projetual (Bittencourt; Freire, 2022).

Partindo da compreensão de espiritualidade proposta por Brown (2020) e Hooks (2021), apresentamos uma definição operacional para o conceito neste trabalho como sendo uma busca ativa por significado na vida, que passa por transcender a individualidade e reconhecer, mesmo que apenas no nível intelectual, a conexão com todas as formas de vida, ampliando a própria perspectiva. Por muitas vezes estar associada a religiões institucionalizadas, a espiritualidade sempre foi vista com reserva e antagonismo pela ciência como um todo. Essa perspectiva antagonista imiscuiu-se à cultura ocidental tradicional a partir do Iluminismo. Sendo influenciado por esta cultura, o design também se manteve afastado da espiritualidade e poucas são as conexões que se fazem entre essas duas áreas. Encontramos em Walker (2021), Akama (2018) e Ibarra (2020) pontes importantes nesse sentido.

Uma vez que se busca orientar o design em direção à sustentabilidade e que a aceitação da sustentabilidade passa por compreender e assumir nossa conexão com todas as formas de vida, trazer a espiritualidade para a discussão se torna, ironicamente, um passo lógico. Não se trata de negar que há outras formas de fazer essa ligação, mas os variados caminhos espirituais, formais ou não, institucionalizados ou não, detêm séculos de conhecimento teórico e prático sobre como os seres humanos podem acessar perspectivas maiores do que seu olhar individual sobre si e sobre o mundo - ou os mundos como propõe Escobar (2018).

Então, partindo do cenário de insustentabilidade que vivemos e da pergunta sobre como queremos projetar o futuro em que desejamos viver, este artigo sugere que o design precisa assumir-se como coletivo, como co-design e pode se valer da espiritualidade como a prática que dissolve as barreiras artificiais que faz nós nos enxergarmos apenas como indivíduos, coadjuvantes isolados dentro do sistema capitalista patriarcal, e não como os interseres conectados em uma rede de relações complexas, capazes de sonhar e projetar coletiva e recursivamente o sistema em que desejamos viver – e não apenas sobreviver. As próximas seções do artigo apresentam, portanto, movimentos projetuais para uma prática de design regenerativa.

2. Para alcançar a sustentabilidade é preciso regenerar

O termo sustentabilidade ainda gera muitas controvérsias. Conforme aponta Blewitt (2008), não existe um consenso sobre o conceito de sustentabilidade, assim como para desenvolvimento sustentável. Sustentabilidade é um conceito que tem diferentes definições de acordo com o ponto de vista de diferentes grupos de pessoas, acadêmicos e instituições. Assim, importante evidenciar que para este trabalho será adotado o conceito apresentado no Relatório de Brundtland, também conhecido como '*Our Common Future*', publicado em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, que diz que "sustentabilidade é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades (Brundtland, 1987, p. 15, tradução nossa).

Seguindo a visão de Blewitt, que considera 'sustentabilidade' como um objetivo a ser alcançado e 'desenvolvimento sustentável' como um processo, pressupõe-se que a busca pelo equilíbrio é dinâmica e mutável (Blewitt, 2008). Portanto, a regeneração é vista como um caminho para atingir esse equilíbrio sustentável.

A compreensão da regeneração como um caminho se alinha à proposta de Wahl (2020), que a descreve como um processo de renovação e crescimento que possibilita a evolução contínua da vida em todos os níveis, abrangendo sistemas naturais, ecológicos, sociais, econômicos e culturais. A regeneração, dessa forma, é percebida como um processo transformador que cria condições propícias para o florescimento da vida em sua diversidade, adaptabilidade e resiliência.

Nessa perspectiva, este trabalho adota a ideia de sustentabilidade como um objetivo de equilíbrio ecossistêmico a ser perseguido. Dado o atual contexto de degeneração dos nossos sistemas, a regeneração emerge como o caminho para alcançar esse objetivo. Em outras palavras, a sustentabilidade é considerada aqui uma meta, mesmo que possa parecer inatingível,

enquanto a regeneração é vista como o caminho para alcançar um equilíbrio ecossistêmico desejável.

É importante ressaltar que ao enfatizar o conceito de regeneração, buscamos destacar a necessidade urgente de projetar futuros que não apenas visem à sobrevivência da espécie humana, mas que também considerem a preservação de todo o ecossistema do qual fazemos parte.

3. Para regenerar é preciso cocriar (entre humanos e não humanos)

A realização de projetos de ambição regenerativa demanda uma abordagem alinhada com os princípios fundamentais da regeneração. Nesse contexto, compreendemos que o co-design emerge como um método que se harmoniza com esses princípios, uma vez que possibilita uma abordagem de design contrária aos valores individualistas, hierárquicos, colonialistas e materialistas que têm sido a base da insustentabilidade do estilo de vida moderno (Escobar, 2018). Sanders e Stappers (2008) ressaltam que, quando o design exclui não-designers ao longo de seu processo, ele perpetua a tradicional ideia de que os mais capacitados, fortes e inteligentes utilizam os recursos dos menos preparados para tornar um projeto mais eficiente. Em contraste, o co-design se baseia na colaboração entre designers e não designers em todas as etapas (Sanders; Stappers, 2008).

Embora diferentes abordagens acadêmicas e comerciais de co-design tenham surgido na segunda metade do século XX, o que entendemos aqui como tal está enraizado nas primeiras experiências de design cooperativo ou participativo que deu voz e poder a trabalhadores da indústria no projeto de softwares na Escandinávia na década de 70, promovendo práticas e reflexões democráticas no processo. (Gregory, 2003; Bødker *et al.*, 2000). É este o co-design que se alinha com as premissas regenerativa: um método que rompe com o *modus operandi* moderno, construindo um espaço de expressão e ação a todos, promovendo um percurso inteiramente colaborativo e não apenas consultivo – como no caso de processos centrados na figura individual e abstrata do usuário.

Todavia, como afirmam Sanders e Stappers (2008), apesar de todos participarem como designers no processo de co-design, o designer especialista ainda é o principal responsável por sistematizar processos e desempenhar o papel crítico que dá forma às ideias, assumindo algumas vezes o papel também de pesquisador. Cabe ao designer especialista, então, elaborar as metodologias e ferramentas que vão promover o espaço de co-projeção. O designer atua como facilitador a fim de estimular o processo criativo ao longo desses quatro níveis e com o objetivo de criar a melhor experiência para que as pessoas expressem suas criatividade (Sanders; Stappers, 2008). Por isso, designers especialistas precisam desenvolver habilidades como aprender a fazer as perguntas certas, entender as informações passadas, criar conceitos, elaborar protótipos e comunicar ideias de forma clara (Ann-noel, 2020).

Essa responsabilidade implica também em uma capacidade de auto reflexão sobre seus vieses e interesses. Ann-Noel e Paiva (2021) destacam a importância de refletir sobre e afirmar nossa posicionalidade no design porque, em suas palavras, “compreender a posicionalidade ajuda as equipes a identificar seus próprios preconceitos e lacunas, aprender como recalibrar sua composição e equilibrar ideias” gerando processos e resultados mais inclusivos. Eles também propõem que a exclusão no design muitas vezes não é intencional porque está enraizada

nas culturas dominantes, por isso é importante que os designers realizem a auto-reflexão sobre suas origens - uma habilidade que não deveria ser dada como certa, mas treinada.

Em outras palavras, não basta designers especialistas serem, é preciso que intersejam.

4. Para co-projetar é preciso interser

Quando designers percebem o seu papel no processo de cocriação, qual seja, o de metaprojetistas que criam as condições para que os envolvidos realmente participem na criação de propostas regenerativas, eles devem ir além das questões materiais e processuais, avançando nas camadas mais sutis que caracterizam os processos criativos (Bentz; Franzato, 2016). E isso pode ser alcançado por meio da experiência de interser. Ao reconhecer que somos seres participantes em um todo dinâmico e interconectado, nós nos percebemos como interseres.

Interser é um termo cunhado pelo monge budista Thich Nhat Hanh (1995) ao fundar a organização budista Ordem do Interser em 1966. Interser tem origem na expressão vietnamita *Tiếp Hiện*; *Tiếp* significa “estar em contato com”, e “continuidade” enquanto *Hiện* significa “perceber” e “tornar aqui e agora”. Amparado tanto na filosofia quanto na prática budista, Hahn (2017, tradução nossa) propõe que “Tudo depende de tudo o mais para se manifestar.” Dessa perspectiva, compartilhada por todas as escolas budistas, não existe fenômeno, incluindo os seres, que exista de forma independente de outros fenômenos; tudo existe dependente de causas, condições e relações. Dessa forma, “Nós não existimos independentemente. Nós intersomos”. (Hahn, 2017)

Segundo Wahl (2020), a palavra interser nos traz uma mudança de percepção de si e do outro, indo na contramão de uma narrativa da separação imposta pela cultura ocidental vigente, e traz uma nova narrativa sobre a humanidade com a comunidade mais ampla da vida, com a natureza. A ideia de interser, mesmo que não o termo, faz parte de variadas sabedorias ancestrais. Como aponta Acosta (2010; 2016), segundo a cultura indígena do Xingu, o mundo é habitado por muitas espécies de seres, não apenas do reino animal e vegetal, mas também os minerais. Para essa cultura, a água, o ar e a própria Terra possuem espírito e inteligência próprias. E por isso, devemos compreender que a relação de todos os seres do planeta deve ser encarada como uma relação social, entre sujeitos. Wahl destaca que a cultura indígena sempre percebeu o mundo e suas interconexões, não como uma forma de entender o mundo, mas como uma forma de viver em harmonia com o mundo (Wahl, 2020). Essa cosmovisão está, inclusive, diretamente alinhada e em conexão com a perspectiva ecofeminista, na qual todos os seres são iguais, pois todos são natureza. Por essa razão, não há motivo para separação, hierarquia e subjugação sobre diferentes corpos, independente do gênero, cor, etnia, cultura e espécies, que pela perspectiva ecofeminista é uma das causas raízes de nossas crises atuais (Shiva, 1988; Howell, 1997).

O conceito de interser, trazido para a discussão de uma cultura regenerativa por Daniel Wahl propõe uma nova narrativa sobre o modo pelo qual humanidade se percebe como natureza, vivendo em comun(unidade) com outras formas de vida com inteligências e capacidade de criação próprias (Wahl, 2020). Como ensina Krenak (2022; p. 26):

Nós é que temos uma duração efêmera que vamos acabar secos, inimigos da água, embora tenhamos aprendido que 70% de nosso corpo é formado por água. Se eu desidratar inteiro vai sobrar meio quilo de osso aqui, por isso eu digo: respeitem a água e aprendam a sua linguagem. Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam. Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos.

O conceito de interser nos apresenta a vida como interdependente e interconectada e então faz *sentipensar* um processo de cocriação regenerativo no qual todas as inteligências humanas e não humanas são convidadas a participar. Esse conceito é abarcado pelo que Escobar (2015; 2018) denomina “ontologias relacionais”: modos de ser nos quais há um entendimento tácito ou formal de que os fenômenos materiais ou imateriais existem primordialmente em relação, não havendo preexistência de nenhuma ordem que constitua a existência. Em outras palavras, “coisas e seres são suas relações; não existem antes delas” (Escobar, 2015). Segundo o autor, cosmovisões indígenas, budistas ou ecofeministas são exemplos de ontologias relacionais. Para ele, ontologias relacionais podem informar um design mais consciente de seu impacto e implicações a partir da compreensão do projeto como um ponto em uma rede de relações complexas e não um âmbito que paira sobre e busca controlar a mesma. De um ponto de vista da interdependência radical, inclusive, não haveria sequer a possibilidade de um design participativo pois participar pressupõe separação entre eu e outro - haveria apenas o design em suas relações. (Escobar, 2018).

5. Para interser é preciso sentipensar

Abraçar o conceito de interser de forma que oriente o design à regeneração requer que os designers não limitem seu contato com o projeto e seu contexto apenas através da faculdade racional do pensar, agregando à sua reflexão e prática a operação emocional do sentir. Ibarra (2020) em sua proposta de aproximação entre design e perspectivas latino-americanas, parte de críticas consolidadas por Escobar (2016) às dualidades da modernidade (natureza/cultura, eu/outro, mente/corpo, razão/emoção) e propõe reequilibrar a relação entre os polos racionais e emocionais dessas dualidades, uma vez que a modernidade é marcada pelo racionalismo exacerbado. Encontra um caminho no *sentipensar*, conceito identificado pelo sociólogo colombiano Orlando Fals Borda na vida de comunidades ribeirinhas da Colômbia durante projetos de Investigação Ação Participativa. Por *sentipensar*, Fals Borda entende a combinação de mente e coração para orientar as decisões de vida e Ibarra (2020) propõe que *sentipensante* é o designer que, ao contrário da perspectiva positivista, se coloca no mundo para pensá-lo ao mesmo tempo em que é transformada por ele:

design sentipensante é estar em sintonia com as necessidades envolvendo-se nas disputas cotidianas, ratificar as forças comunitárias, perceber o Design Participativo como um processo educativo no sentido de que transformamos e somos transformados pelo mundo, estar atento para nos abrir a outras possibilidades de ser, reconhecer que existe um lado emocional em todas as formas de racionalidade e almejar uma transformação social.

O peso dado ao sentir na proposta de Ibarra (2020) para o design busca fazer um contraponto à valorização do pensar na cultura moderna. Expressões como identificação, aprendizagem, diálogo, adaptabilidade e respeito denotam o lugar que o sentir tem no *sentipensar* que Ibarra (2020) entende ser fundamental no co-design. Ainda assim, vale destacar

que, com isso, a pesquisadora busca dissolver hierarquias, não necessariamente invertê-las. Alinhada com Escobar (2016), ela defende a dialogia entre o sentir e o pensar, entre diferentes saberes e técnicas, lembrando que a mera criação de novas hierarquias seria uma continuidade do pensamento moderno, dualista, eurocêntrico e colonialista (Ibarra, 2020). O que se busca, com o *sentipensar*, é uma não-dualidade, como sugere justamente o conceito de interser.

Para Gómez (2021), inclusive, abraçar o não-dualismo é algo inerente a todas as culturas que partem de cosmovisões holísticas. Assim, a proposta de *sentipensar* no design (Ibarra, 2020) nos provoca a reimaginar formas de fazer e atuar que não tenham sido inteiramente colonizadas, pois valoriza as pessoas, saberes e territórios locais (Gómez, 2021). *Sentipensar* com a terra (Escobar, 2015). *Sentipensar* para projetar a partir dos recursos disponíveis, acessíveis e alinhados com a realidade, saberes e cultura local. *Sentipensar* para interser.

6. Para *sentipensar* é preciso espiritualidade autêntica e estruturada

Conceitos como o *sentipensar* nos tocam por sua profundidade e abrangência, mas muitas vezes é difícil traduzi-los em comportamentos e atitudes, ainda mais quando o contexto de sua origem não é tão familiar ao designer. Para não correr o risco de usar, por exemplo, a cultura indígena ou a ribeirinha colombiana sem de fato vivenciá-las, designers buscando *sentipensar* em seus processos podem aportar neles, como alternativa, práticas que tenham origem em uma relação autêntica e estruturada com a espiritualidade – no sentido proposto por Hooks e Brown. Por uma espiritualidade autêntica, queremos dizer uma prática inserida na vida do designer, parte de sua história e vida cotidiana, um exercício regular em contraste a, por exemplo, um episódio isolado de preparação para um workshop. Autenticidade também se refere a uma espiritualidade que promove valores como o amor e a compaixão dirigidos equitativamente a todos os seres, humanos ou não, visíveis ou não, e não exclui direta ou indiretamente certos grupos sociais. Por espiritualidade estruturada entendemos que ela provém do contato direto com uma linhagem, de uma escola que tem consistência filosófica e que fornece orientações práticas adaptadas à vida contemporânea. Além disso, não se baseia apenas na leitura individual e manualizada de teorias ou escrituras, ela é vivenciada e praticada cotidianamente e coletivamente.

Para Ibarra (2020) *sentipensar* requer precisamente a capacidade de cada um de nós de realizar nossas próprias reflexões, a fim de identificarmos tanto nossos preconceitos como nosso potencial para a abertura e para uma conexão equânime com aqueles que são, erroneamente na perspectiva do interser, chamados de “os outros”. Consideramos que esta reflexão não pode ser uma simples etapa de um processo de co-design, algo que está apenas relacionado com um determinado projeto, mas sim parte de um compromisso contínuo dos designers em nutrir e amadurecer o seu próprio *sentipensar* ao longo da vida. Para tanto, propomos que as práticas espirituais possam trazer estrutura e autenticidade para *sentipensar* o processo de co-design. Práticas espirituais buscam colocar os processos mentais em um espaço de observação ao mesmo tempo em que buscam uma compreensão mais ampla da vida e sua impermanência. O foco dessas práticas é buscar o discernimento nas escolhas feitas por outras vias que não apenas a razão. Abrem-se espaços para outros sentires, que foram encapsulados pela sociedade moderna que tem uma racionalidade específica como eixo central da vida, capazes de alimentar a reflexão a partir de valores universais como o amor e a compaixão.

A aproximação de design e espiritualidade da forma como está sendo proposta aqui tem raízes na experiência empírica da pesquisa relatada e discutida em Bittencourt e Freire (2020), na qual uma metodologia budista de gestão organizacional foi aportada em um processo de co-design. A Gestão por Mandalas foi co-criada pelo Lama Padma Samten e a comunidade do CEBB – Centro de Estudos Budistas do Bodhisattva (Samtem, 2013) para gerir uma grande rede de iniciativas que inclui dezenas de aldeias, centros e grupos de estudos budistas em todo o Brasil. Surgiu da experiência do Lama e dos seus alunos que gerem a rede. O elemento central na Gestão por Mandalas é a noção de que a realidade que nos rodeia é co-emergente com a nossa identidade e a nossa visão e, portanto, a nossa atitude e posição mental são decisivas nas nossas relações “conosco próprios, com o outro, com a sociedade”. e o ambiente natural” (Samtem, 2019). A metodologia da Gestão por Mandalas considera que, uma vez que entendem que construímos as identidades, as relações, os grupos sociais e os ambientes que habitamos, os gestores buscam desenvolver uma série de competências e atitudes internas e externas, psicológicas e comportamentais, para que possam gerar benefícios em todas as direções.

Uma dessas habilidades é acalmar nossa mente para identificar e desenvolver liberdade de nossos próprios padrões de pensamento e comportamento. Com a mente calma, pode-se aplicar a chamada Sabedoria do Acolhimento, que é a capacidade de escutar e acolher as pessoas considerando suas verdades sem tentar enquadrá-las de forma repressiva, mas procurando valorizar especialmente as suas qualidades positivas – aquelas condutivas a resultados positivos para suas redes e relações (Samtem, 2017). Essas disposições levam o designer à construção de relações positivas consigo mesmo, com os outros e com o meio ambiente. Por fim, sentar-se em círculo para empreender o projeto é uma forma prática de demonstrar a Sabedoria do Acolhimento: todos integram o círculo a partir de uma posição equânime, todos podem ver e ouvir uns aos outros com mais facilidade e não há hierarquia física resultante de um púlpito ou palco (Samtem, 2018). Essas quatro práticas - acalmar a mente, reconhecer a co-emergência, sentar em círculo e acolher as pessoas em seus contextos – foram incorporadas ao processo de design relatado em Bittencourt e Freire (2020) por conta da conexão pessoal de Bittencourt com o budismo e com o CEBB.

Outro exemplo, inspirador dessas reflexões, é Akama (2018). Ao descrever sua ligação com os povos originários australianos durante um projeto, a pesquisadora japonesa revisita sua própria formação cultural, marcada pelo conceito de interdependência presente no Zen Budismo, no Taoísmo e no Xintoísmo e nos rituais domésticos de sua própria família – conceito equivalente ao *interser*. A partir de uma avaliação introspectiva, ela mantém uma perspectiva mais ampla sobre a prática do design, baseada em uma “maior sensibilidade à inter-relação do que já está se tornando-com-muitos no país aborígene” (Akama, 2018). Então, argumenta que essa sensibilidade ampliada requer “um respeito pelos limiares de lugares, situações, conhecimentos, relacionamentos e coisas em reinos do além”. Em outras palavras, ela afirma que requer a capacidade de sentir, neste caso forjada em sua vontade de reunir diferentes aspectos de sua formação, como a formação em design, os projetos de co-design com povos originários e o cotidiano familiar. Como designer *sentipensante*, Akama se coloca no mundo que cerca seus projetos e é transformada por ele.

Como apontado por Light (2019), esforços paralelos e diversos foram feitos no sentido de construir caminhos para a autonomia de pesquisadores e profissionais em relação à contínua influência europeia e anglo-saxônica na abordagem dos problemas sociais gerados historicamente por essas mesmas culturas. Tal variedade é um sinal positivo de riqueza,

fertilidade e maior consciência sobre tais questões, mas também pode confundir pesquisadores e designers em quais aspectos procurar material para a construção de sua autonomia. No caso das duas pesquisas citadas acima, os designers foram capazes de desenvolver um co-design *sentipensante* quando exploraram uma metodologia a partir de uma conexão espiritual que lhes era íntima e significativa - além de oferecer uma alternativa às abordagens convencionais. Havia fluência em sua ontologia, métodos e operação. Esta metodologia não lhes foi imposta, mas escolhida entre outras possibilidades com base em critérios éticos, estéticos e políticos. Portanto, fazendo eco a Akama (2018), Akama, Hagen e Whaanga-Schollum (2019), Light (2019), Ibarra (2020) e Escobar (2015; 2018), defendemos que o *sentipensar* no processo de design começa com a participação do designer na construção rigorosa do próprio *sentipensar* – e que uma espiritualidade autêntica e estruturada fornece esse rigor.

7. Sentipensações finais

Neste artigo, partimos da premissa, amplamente defendida em abordagens críticas de diversos campos, de que as polícrises que habitamos são fruto do paradigma moderno e que os modos de projetar outros futuros passa por buscar fundamentos - e não apenas processos ou ferramentas - diferentes dos que originaram e nutriram o design até agora (Escobar, 2018). Tal busca, entendemos, precisa começar com a aceitação da regeneração como caminho para a sustentabilidade e do co-design como método para o projeto regenerativo. Também propusemos que o co-design encontra sua expressão mais profunda quando designers experienciam o interser através de um sentipensar treinado a partir da vivência de uma espiritualidade autêntica e estruturada.

Propomos, então, esses cinco movimentos projetuais sequenciais: **(1) para alcançar a sustentabilidade é preciso regenerar; (2) para regenerar é preciso co-projetar (entre humanos e não humanos); (3) para co-projetar é preciso interser; (4) para interser é preciso sentipensar; (5) para sentipensar é preciso espiritualidade autêntica e estruturada.** Este encadeamento sequencial não tem a pretensão de ser uma fórmula universal e muito menos a expressão de alguma estrutura subjacente de qualquer ordem. O principal objetivo é abrir pontos de conexão entre as culturas de design e os saberes espirituais de diferentes fontes para que estes possam dar sua contribuição à proposta de um design orientado à regeneração e, portanto, à sustentabilidade. Entendemos que o principal aporte da espiritualidade é oferecer meios para a operação do sentipensar e a experiência de interser, binômio que tem o potencial de sacudir a mentalidade e o modo de pensar e projetar dos designers.

Ao destacar a prática do sentipensar no co-design, trazemos uma abordagem para desafiar a dicotomia entre mente e coração, razão e emoção, humano e natureza. A adoção do sentipensar permite a reimaginação de formas de atuação que valorizam os saberes locais, as pessoas e os territórios. A criação de vínculos e conexões, tanto entre os participantes do projeto quanto com a comunidade e o ecossistema local, torna-se fundamental para a cocriação coletiva e para a transformação social. Além disso, o co-design sentipensante promove um design emancipatório ao romper com métodos pré-estabelecidos, valorizando a intuição, a fluidez e a autenticidade do processo, tornando-o uma experiência transformadora tanto para o projeto quanto para as pessoas envolvidas.



No entanto, para que o co-design sentipensante seja efetivo, é crucial que os designers reconheçam sua subjetividade e reflitam sobre suas próprias características e limitações. A consciência de que os designers não são neutros cultural ou politicamente é fundamental, uma vez que suas emoções e perspectivas influenciam suas decisões e ações durante o processo projetual. Portanto, uma postura reflexiva e crítica se faz necessária para garantir um co-design inclusivo e participativo, que valorize a diversidade de vozes e promova a construção coletiva de saberes. É aqui que a prática estruturada da espiritualidade pode trazer uma grande contribuição ao fornecer embasamento filosófico e métodos que proporcionem uma investigação interna mais rigorosa. A jornada do co-design orientado à regeneração via espiritualidade é uma jornada de observação, escuta, sentimento e aprendizado mútuo, onde tanto o projeto quanto os seres envolvidos são transformados, onde as relações baseadas em afeto, diálogo e colaboração ocupam um papel central.

Por fim, lembramos que na América Latina, e em especial no Brasil, a espiritualidade em suas mais diversas formas têm grande presença no cotidiano individual e coletivo dos cidadãos, inclusive com impacto na sua qualidade de vida. Não há por que o design se manter alheio a essa força quando o assunto é projetar futuros junto com as comunidades e ecossistemas que mais sofrem com as polícrises e seus efeitos.

Referências

ACOSTA, Alberto. **El Buen Vivir en el camino del post-desarrollo: Una lectura desde la Constitución de Montecristi**. Equador, Fundación Friedrich Ebert, FES-ILDIS, 2010.

ACOSTA, Alberto. **O Buen Vivir: uma oportunidade de imaginar outro mundo**. In: SOUSA, C. M., org. Um convite à utopia [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016. Um convite à utopia collection, vol. 1, pp. 203-233. ISBN: 978-85-7879-488-0. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/kcdz2/epub/sousa-9788578794880.epub>. Acesso em: 13 de set. 2023.

AKAMA, Yoko. **Surrendering to the ocean: Practices of mindfulness and presence in designing**. In: Routledge Handbook of Sustainable Design. Abingdom: Routledge, 2018.

AKAMA, Yoko; HAGEN, Penny; WHAANGA-SCHOLLUM, Desna. **Problematizing Replicable Design to Practice Respectful, Reciprocal, and Relational Co-designing with Indigenous People**. Design and Culture, v. 11,1, pp 59-84, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17547075.2019.1571306>. Acesso em: 13 de set. 2023.

ANN-NOEL, Lesley. **Envisioning a pluriversal design education**. In: Pivot 2020: Designing a World of Many Centers - DRS Pluriversal Design SIG Conference, 2020. Disponível em: <https://dl.designresearchsociety.org/pluriversaldesign/pivot2020/researchpapers/6/>. Acesso em: 13 de set. 2023.

ANN-NOEL, Lesley. **The Positionality Wheel**. [S.l.]: 2018. Disponível em: <https://lesleyannoel.wixsite.com/website>. Acesso em: 13 de set. 2023.



ANN-NOEL, Lesley; PAIVA, Marcelo. **Learning to Recognize Exclusion**. JUS - Journal of User Experience, v. 16, 2, pp. 63–72, 2021. Disponível em: <https://uxpajournal.org/learning-recognize-exclusion/>. Acesso em: 13 de set. 2023.

BENTZ, Ione; FRANZATO, Carlo. **O metaprojeto nos níveis do design**. In: P&D, 12., 2016, Belo Horizonte. Anais... São Paulo: Blücher, 2016. p. 1416-1428. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/o-metaprojeto-nos-nveis-do-design-24356>. Acesso em: 13 de set. 2023.

BITTENCOURT, Gustavo Berwanger; FREIRE, Karine de Mello. **Spirituality based codesign. Searching ways to operate a sentipensante participatory design**. PDC '22: Proceedings of the Participatory Design Conference 2022, pp 58–62, 2022. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3537797.3537810>. Acesso em: 13 de set. 2023.

BLEWITT, John. **Understanding Sustainable Development**. London: Earthscan, 2008.

BØDKER, Susanne; EHN, Pelle; SJÖGREN, Dan; SUNDBLAD, Yngve. **Cooperative Design — perspectives on 20 years with 'the Scandinavian IT Design Model**. Keynote presentation, NordiCHI 2000. Estocolmo, 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237225075_Cooperative_Design_-_perspectives_on_20_years_with_'the_Scandinavian_IT_Design_Model. Acesso em: 13 de set. 2023.

BROWN, Brené. **A arte da imperfeição: Abandone a pessoa que você acha que deve ser e seja você mesmo**. São Paulo: Sextante, 2020.

BRUNDTLAND, G H et al. **Our common future; by world commission on environment and development**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

Escobar, Arturo. **Thinking-feeling with the Earth: Territorial Struggles and the Ontological Dimension of the Epistemologies of the South**. Antropólogos Iberoamericanos En Red.Vol. 11, 1, pp. 11-32, 2015. Disponível em: <https://doaj.org/article/0b1a907ed8194114b245f7a5807d861d>. Acesso em: 13 de set. 2023.

Escobar, Arturo. **Autonomía y diseño: La realización de lo comunal**. Popayán: Universidad del Cauca, Sello Editorial, 2016.

Escobar, Arturo. **Designs for te pluriverse. Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds**. Durhan, Duke University Press, 2018.

GÓMEZ, P. **Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento**. Org: Ashish Kothari, Ariel Salleh, Arturo Escobar, Federico Demaria & Alberto Acosta. São Paulo: Elefante, 2021.

GREGORY, Judith. **Scandinavian Approaches to Participatory Design**. International Journal of Engineering Education, v. 19, 1, pp. 62-74, 2003. Disponível em: <https://www.ijee.ie/articles/Vol19-1/IJEE1353.pdf>. Acesso em: 13 de set. 2023.

HANH, Thich Nhat. **Peace is every step**. Nova Iorque: Random House, 1995.

HANH, Thich Nhat. **The Art of Living: Peace and Freedom in the Here and Now**. Nova Iorque: HarperOne, 2017.

hooks, bel. **Tudo sobre o amor**. São Paulo: Elefante, 2021.



- IBARRA, Maria Cristina. **Aproximaciones a un diseño participativo sentipensante: correspondencias con un colectivo de residentes.** In: PDC, v. 3, FII 19, 93-103. Rio de Janeiro, 2016. Anais... Disponível em: <https://www.pdc2020.org/wp-content/uploads/2020/06/Aproximaciones-a-un-disen%C3%83o-participativo-sentipensante-correspondencias-con-un-colectivo-de-residentes-en-Rio-de-Janeiro.pdf>. Acesso em: 13 de set. 2023.
- IPCC. **Summary for Policymakers** [H.-O. Pörtner, D.C. Roberts, E.S. Poloczanska, K. Mintenbeck, M. Tignor, A. Alegría, M. Craig, S. Langsdorf, S. Löschke, V. Möller, A. Okem (eds.)]. In: *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminism.** Londres: Zed Books, 2014.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Brasília, UNESCO, 2000.
- LIGHT, Ann. **Design and Social Innovation at the Margins: Finding and Making Cultures of Plurality.** *Design and Culture*, v. 11, 1, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17547075.2019.1567985?journalCode=rfdc20>. Acesso em 23 de setembro de 2023.
- SAMTEN, Padma. **Mandala do lótus.** São Paulo: Peirópolis, 2006.
- SAMTEN, Padma. **Gestão por Mandalas.** Centro de Estudos Budistas: Bodisatva, Viamão, 2013. Disponível em: <http://www.cebb.org.br/gestao-por-mandalas/>. Acesso em 23 de setembro de 2023.
- SAMTEN, Padma. **Encantamento e auto organização: retiro com o Lama Padma Samten #1.** [S.l.]: Lama Padma Samten, 2018. (1 h 26 min 55 s). Disponível em: <https://youtu.be/VPDQjtYkL2Q>. Acesso em 23 de setembro de 2023.
- SAMTEN, Padma. **Projeto terra pura: gestão por mandalas.** [S.l.]: Lama Padma Samten, 2017. (2 h 05 min 29 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ajBX2Nb5wEk>. Acesso em 23 de setembro de 2023.
- SAMTEN, Padma. **Relações e redes.** Viamão: Ação Paramita, 2019.
- SANDERS, Elizabeth B.N.; STAPPERS, Pier J.. **Co-creation and the new landscapes of design.** *CoDesign*, [S.l.], v. 4, 1, p. 5-18, 2008. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15710880701875068>. Acesso em 23 de setembro de 2023.
- SHIVA, Vandana. **Staying Alive: Women, Ecology and Development.** Nova Délhi: Kali for women, 1988.
- WAHL, Daniel. **Design de Culturas Regenerativas.** Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2020.
- WALKER, Stuart. **Design and Spirituality: a philosophy of Material Cultures.** Oxon: Routledge, 2021.